



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.**  
**DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO**

**ÉRICA KATIA DE SOUZA EUPHRASIO**

**A EDUCAÇÃO COMO PRINCÍPIO NORTEADOR DA FORMAÇÃO HUMANA**

**MARINGÁ**  
**2011**

**ÉRICA KATIA DE SOUZA EUPHRASIO**

**A EDUCAÇÃO COMO PRINCÍPIO NORTEADOR DA FORMAÇÃO HUMANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de licenciatura no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, orientado pela Professora Dra. Terezinha Oliveira.

**MARINGÁ**

**2011**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>04</b>
<b>A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DO HOMEM.....</b>	<b>09</b>
<b>A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO HOMEM.....</b>	<b>15</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>

## A EDUCAÇÃO COMO PRINCÍPIO NORTEADOR DA FORMAÇÃO HUMANA

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir como a ética e a educação são analisadas em textos de Cláudio de Moura Castro e Lya Luft, divulgados na *Revista Veja* entre os anos de 2008 e 2009. Nossa perspectiva de abordagem será a História Social e seguiremos os princípios apontados por Aristóteles na *Ética a Nicômaco* para refletirmos sobre a ética e em Kant, na obra *Sobre a Pedagogia*, para refletirmos acerca da questão da educação.

**Palavras-chave:** Educação. Ética. Sociedade.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva contribuir para nosso processo de formação acadêmica, pois é de nosso interesse compreender quais aspectos sociais que interferem no processo de ensino-aprendizagem e se refletem na educação em geral. Desta forma, intencionamos analisar artigos dos articulistas da revista *Veja*, tais como Lya Luft e Cláudio de Moura Castro, publicados entre os anos de 2008 e 2009, à luz dos postulados de Aristóteles, encontrados na obra *Ética a Nicômaco*, e em Kant, divulgados na obra *Sobre a Pedagogia*. Acreditamos que nessas obras estão reproduzidos os eixos norteadores para que possamos obter uma educação crítica, que valorize os conhecimentos e a moral.

A educação é fundamental para as pessoas por possibilitar-lhes a inserção junto à sociedade. Destacamos aqui a educação no aspecto mais amplo, no formal e informal, por conseguinte, abordaremos assuntos relacionados à educação e à ética buscando perceber como os autores supracitados contemplam os temas referentes à ética e à moral na educação, intencionando a formação de sujeitos preparados para enfrentar as situações vivenciadas no contexto econômico, político e social.

Kant (2006) afirma que a selvageria consiste na independência de qualquer lei. A disciplina, por sua vez, submete o homem às leis da humanidade, fazendo-o sentir a força das próprias leis. Por isso julgamos, assim como o autor, que as crianças precisam ser mandadas cedo para a escola, para conhecerem as leis (KANT, 2006, p.13/442).

Portanto, julgamos relevante a conscientização de todos os que lutam por uma educação melhor, destacando a necessidade da ética e da moral para a formação do sujeito, bem como para a sua adequada inserção na sociedade. Ressaltamos que não é só a escola que educa, mas

também a família e a sociedade, já que estes são as principais referências da criança, pois as questões éticas e morais podem ser ensinadas pelos pais em casa, assim como o respeito ao próximo (os familiares, os professores, os colegas, entre outros).

Segundo Kant (2006), o homem é a única criatura que precisa ser educada. Essa educação seria o cuidado com sua infância, o qual envolve a conservação, o trato, a disciplina e a formação. De acordo com o autor, um animal é por seu próprio instinto tudo aquilo que pode ser, porém o homem tem necessidade de sua própria razão, pois o homem precisa formar o projeto de sua conduta.

Desta forma, a educação deve fornecer apoio indispensável ao indivíduo, oportunizando-lhe o conhecimento e permitindo-lhe compreender que existem interrogações fundamentais sobre o mundo, o homem e o próprio conhecimento, sendo fundamental a ideia de que precisamos nos compreender, enquanto sujeitos, para compreendermos o próximo. Para isso, é necessário que o homem faça uso de sua racionalidade.

Aristóteles (1973) registra que a vida é propiciada a todos os seres vivos, sendo o ser humano diferente dos animais por ser racional; sendo assim, é preciso que faça uso dessa racionalidade com o objetivo de causar o bem a si mesmo e ao próximo. Este autor pontua ainda que a virtude é primordial para o ser racional. Para o filósofo (1973), existem duas naturezas de virtudes: a intelectual, que adquirimos por meio dos estudos e a moral, adquirida pelo hábito, ou seja, nossa vida é regida pelos hábitos e pelas regras. Ainda citando o filósofo, para nos tornarmos justos é necessário praticarmos atos justos, os quais, por seu turno, determinam nosso caráter. Para consegui-los, é necessário o esforço de cada um, porque a virtude não vem pronta, nós é que temos que construí-la.

Podemos compreender que se o homem é um ser racional, então ele precisa ter consciência de seus atos e das consequências destes, fazendo uso da racionalidade, da coerência e da reflexão, ponto de crucial importância para adquirirmos os princípios básicos para a vida em sociedade, como a educação e a ética, que interferem direta e indiretamente nas relações sociais. Assim, se o homem cometer atos que infrinjam as leis e as regras impostas pela sociedade em que está inserido, deverá assumir as consequências de seus atos e receber a punição em conformidade com a situação. Para evitar que os homens cometam infrações, necessário é imprescindível que possuam uma boa educação, como Kant (2006) postula.

Em consonância com Kant (2006), a educação poderá se tornar sempre melhor se as gerações futuras derem um passo a mais em direção ao aperfeiçoamento da humanidade,

porque para o autor a solução para os problemas da natureza humana está na educação. Portanto, a educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações (KANT, 2006, p.16/444).

Neste sentido, para uma boa educação, é preciso considerar os aspectos culturais, sociais, econômicos e cognitivos da criança. É importante que essa educação<sup>1</sup> ocorra em um ambiente propício, agradável, bem estruturado, com materiais e recursos que assegurem um bom desenvolvimento infantil, não se dispensando os profissionais da educação bem preparados e comprometidos com a educação, sendo também relevante o apoio dos pais ou responsáveis na educação das crianças.

Kant (2006) argumenta que os pais educam seus filhos para o mundo presente, mas que deveriam dar-lhes uma educação melhor, visando a um estado melhor no futuro, pois o autor alega que os pais só se preocupam com que seus filhos façam uma boa figura no mundo em que estão inseridos.

Considerando as assertivas de Kant, é necessário então que os homens recebam uma boa educação, e pelo conhecimento adquirido compreendam o conjunto de valores morais e os princípios que norteiam a conduta humana na sociedade.

Desta forma, para compreendermos melhor a temática pertinente à educação e aos valores morais e éticos, assim como a situação da educação em nosso país, analisamos alguns textos de dois articulistas da revista *Veja*, publicados nessa revista, que tratam desse assunto, com o intuito de destacarmos a importância da mídia e sua preocupação em contribuir para a conscientização de que a educação brasileira precisa melhorar sua qualidade.

Para refletirmos sobre a importância da imprensa como veiculadora de ideais e sua contribuição na educação dos homens, recorreremos ao artigo intitulado *História da Educação, Fontes e a Imprensa*, de autoria de Zanlorenzi<sup>2</sup>.

Esta autora (2010) assevera que o uso da imprensa nos meios acadêmicos, principalmente na pós-graduação, vem se constituindo um campo promissor por possuir caráter imediato, pois as reflexões que compõem esse objeto estão muito próximas dos acontecimentos, contribuindo para novas interpretações sobre o pensamento educacional.

A utilização dos impressos para as pesquisas em história da educação ultrapassa a visão desse material como apenas fontes secundárias. Vários são

---

1 Convém destacarmos que a educação é direito de todos, independente de raça, religião, classe econômica, e esse direito passou a ser de todos a partir da Lei nº 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

2 Professora Colaboradora do Departamento de Pedagogia Unicentro, Campus Irati. Mestre em História da Educação.

os estudos que empregam esse material como fonte primária reconhecendo suas potencialidades. Os jornais, as revistas, atas, fotos, livros pontos, entre outras fontes, são alvo de olhares mais atentos daqueles que se dedicam a pesquisar a história da educação brasileira. Aproveitam da riqueza desse material para analisar o contexto educacional e as relações envolvidas nesse processo. Mais especificamente, o uso da imprensa – e nessa a utilização de periódicos impressos como revistas e jornais - longe das manifestações historiográficas pautadas na linearidade, no controle rígido dos escritos dos documentos e na fragmentação de posicionamentos, possibilita ultrapassar os limites da pesquisa em História que privilegiam questões em detrimento de outras, ampliando assim os horizontes do conceito de fonte (ZANLORENZI, 2010, p.64-65).

Na citação acima, a autora salienta a importância dos impressos divulgados na mídia e sua valorização por meio das pesquisas acadêmicas que têm como tema a história da educação, pois esta nos possibilita a ampliação do conhecimento relativo à educação brasileira.

De acordo com Zanlorenzi (2010), essas pesquisas acadêmicas têm contribuído nos seguintes aspectos:

A pesquisa em educação tem contribuído sobremaneira para a compreensão das situações da contemporaneidade, principalmente aquelas que possibilitam a investigação e descrição dos discursos que circulavam no recorte temporal que se dispõe a pesquisar. Para tanto, a imprensa é uma excelente fonte para vislumbrar os acontecimentos, permitindo uma investigação que ultrapasse os muros escolares, pois os jornais e revistas apontam os discursos, os anseios, as conveniências, os interesses da sociedade, muitas vezes sem o aparato teórico adequado em relação à educação, porém fornece pistas das repercussões e polêmicas instauradas. Entretanto, como já foi apontado, é primordial a escolha do mirante teórico, pois as fontes por si só não falam (ZANLORENZI, 2010, p.69).

O excerto acima explicita a importância em fazer a escolha correta da fonte de pesquisa, assim como a oportunidade de analisar a educação para além dos muros da escola, analisando também os interesses da sociedade em relação à educação.

Zanlorenzi (2010) informa que existe uma diversificação no campo da pesquisa educacional no Brasil, com diversos temas e objetos, com propostas que ampliam a visão de fonte. Em consonância com os fundamentos que regem o olhar do pesquisador, vão se constituindo as tramas do conhecimento histórico e as relações específicas com o contexto educacional, ultrapassando os muros escolares. A educação como tema de pesquisa nos permite a compreensão da contemporaneidade.

Discutir sobre a educação, principalmente a ideologia que influenciavam os

discursos referentes a essa, é uma forma de vislumbrar os interesses que permeavam e ainda permeiam a educação do povo. Assim, pesquisar, discutir e refletir sobre os métodos, as teorias, os fundamentos, as políticas da educação e seu caminho histórico, é uma forma de conhecer as concepções de mundo, homem, história e sociedade e ampliar os conhecimentos para além do aparente, verificando assim as contradições (ZANLORENZI, 2010, p.61-62).

Na citação acima, ao analisarmos o material referente à educação, o qual é disponibilizado pela imprensa, temos a oportunidade de conhecer a concepção de mundo da sociedade contemporânea, ampliando o nosso conhecimento e conseqüentemente enriquecendo o debate pertinente às questões sobre a educação.

Portanto, com o intuito de compreendermos a situação da educação brasileira, escolhemos como fonte de pesquisa a revista *Veja*, especificamente artigos que abordam a questões referentes à família e à moral, tais como os de Luft, que serão discutidos na primeira parte deste trabalho, e os de Castro, debatidos na segunda parte, os quais versam sobre a formação escolar brasileira. Para realizarmos esta análise, selecionamos textos publicados entre os anos de 2008 e 2009.

## A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DO HOMEM

Com base na atual situação da educação brasileira, procuraremos entender quais seus problemas e quais as possíveis medidas a serem tomadas para melhorá-la, sempre em conformidade com os autores escolhidos para a discussão desse tema.

Luft (2008) aponta a importância de a família fazer parte do processo de ensino-aprendizagem juntamente com a escola. A autora afirma que antes da escola vem o fundamental, o ambiente em casa, que marca o indivíduo pelo resto de sua vida. Se esse ambiente for positivo, amoroso, a criança acreditará que amor e a harmonia são possíveis e fará suas futuras escolhas pessoais. Se o clima for de ressentimento, frieza, mágoas, o indivíduo irá tropeçar, ou seja, fará as piores escolhas para si mesmo. Luft destaca:

Pais bonzinhos são tão danosos quanto pais indiferentes: o amor não se compra com presentes, nem permitindo tudo, nem fingindo não saber ou não querendo saber, muito menos desviando o olhar quando ele devia estar vigilante. Quem ama cuida: velho princípio inegável, incontornável e imortal, tantas vezes violado (LUFT, 2008, p.18).

Nesse caso, o melhor que os pais podem fazer é compreender que ambos os cônjuges precisam ser igualmente interessados pela vida, saúde, escola, amizades e crescimento de seus filhos.

Ainda citando Luft (2008), os indivíduos recebem grande quantidade de informações, mas não sabem como lidar com elas. Um dos pontos fundamentais para solucionar esse problema é que haja uma boa relação entre família, escola e sociedade, assim os jovens poderão ser auxiliados a enfrentar situações como essas.

Se as relações familiares não fossem intrinsecamente complicadas, não existiria o mandamento "Honrarás pai e mãe". Comentário de grande sabedoria. Assunto inesgotável. Como educar, como cuidar neste mundo maravilhoso e tresloucado, com tanta sedução e tanta informação – um mundo no qual, sobretudo na juventude, nem sempre há o necessário discernimento para escolher bem? (LUFT, 2008, p.18).

Para Luft (2008), as pessoas precisam saber distinguir o bem do mal, ser capazes de observar e argumentar quais são os princípios que a família e a escola podem oferecer. No entanto, o que percebemos é que a família tem dificuldade para educar seus filhos de acordo com princípios básicos que envolvem respeito ao próximo, limites, disciplinas e regras. Nas

palavras de Luft (2008, p.18):

Dificuldades familiares não têm a ver só com o natural conflito de gerações, mas também com a atitude geral dos pais. Eles têm entre si uma relação de lealdade, carinho, alegria? São realmente interessados, tentam assumir suas responsabilidades grandes e difíceis? Foi-se o patriarcado, em que havia regras rígidas. Eu não quereria estar na pele dos infratores de então, os filhos que ousavam discordar. Em lugar da anterior rigidez e distância, estabeleceu-se a alegre bagunça, com mais demonstrações de afeto, mais liberdade, mais respeito pelas individualidades – muitas vezes com resultados dramáticos.

Luft (2008) salienta a importância de refletirmos sobre "O que esperamos de nossos filhos no futuro" e "o que estamos deixando para nossos filhos", como podemos observar no fragmento abaixo:

O mundo avança em vertiginosas transformações, e não é só nas finanças ou economia mundiais: ele se transforma a todo momento em nossos usos e costumes, na vida, no trabalho, nos governos, na família, nos modelos que nos são apresentados, em nossa capacidade de fazer descobertas, no progresso e na decadência. O que nos enche de perplexidade, quando o assunto é filhos, é a parte de tudo isso que não conseguimos controlar, que é maior do que a outra. Se há 100 anos a vida era mais previsível – o pai mandava e o resto da família obedecia, o professor e o médico tinham autoridade absoluta, os governantes eram nossos heróis e havia trilhas fixas a ser seguidas ou seríamos considerados desviados –, hoje ser diferente pode dar status. Gosto de pensar na perplexidade quanto ao legado que podemos deixar no que depende de nós. Que não é nem aquele legado alardeado por nossos pais – a educação e o preparo – nem é o valor em dinheiro ou bens, que se evaporam ao primeiro vendaval nas finanças ou na política. A mim me interessam outros bens, outros valores, os valores morais. O termo "morais" faz arquear sobrelhas, cheira a religiosidade ou a moralismo, a preconceito de fariseu. Mas não é disso que falo: moralidade não é moralismo, e moral todos temos de ter. A gente gosta de dizer que está dando valores aos filhos. Pergunto: que valores? Morais, ora, decência, ética, trabalho, justiça social, por exemplo. É ótimo passar aos filhos o senso de alguma justiça social, mas então a gente indaga: você paga a sua empregada o mínimo que a lei exige ou o máximo que você pode? Penso que a maioria de nós responderia não à segunda parte da pergunta. Então, acaba já toda a conversa sobre justiça social, pois tudo ainda começa em casa e bem antes da escola. Não adianta falar em ética, se vasculho bolsos e gavetas de meus filhos, se escuto atrás da porta ou na extensão do telefone – a não ser que a ameaça das drogas justifique essa atitude. Não adianta falar de justiça, se trato miseravelmente meus funcionários. Não se pode falar em decência, se pulamos a cerca deslavadamente, quem sabe até nos fanfarronando diante dos filhos homens: ah, o velho aqui ainda pode! Nem se deve pensar em respeito, se desrespeitamos quem nos rodeia, e isso vai dos empregados ao parceiro ou parceira, passando pelos filhos, é claro. Se sou tirana, egoísta, bruta; se sou tola, fútil, metida a gatinha gostosa; se vivo acima das minhas possibilidades e ensino isso aos meus filhos, o efeito sobre a moral deles e sua visão da vida vai ser um desastre (LUFT, 2008, p.24).

Os problemas de falta de autoridade e limites que as famílias enfrentam refletem-se na escola. Ao longo da exposição, podemos verificar os desafios da escola para transmitir conhecimento aos alunos. Assim como a escola, a família também encontra dificuldades para educar seus filhos, pois vivemos em uma época na qual os valores éticos e morais estão sendo esquecidos. Os pais nem sempre conseguem impor limites aos seus filhos, e esses filhos-alunos chegam à escola sem entender os princípios básicos como o respeito ao próximo, a necessidade de respeitar as regras, tanto da sociedade como da escola. Em contrapartida, nem sempre os professores estão preparados para lidar com esses alunos.

Segundo Luft (2009), nos acostumamos a criticar os jovens por eles serem pouco educados, os homens por serem arrogantes, as mulheres por serem chatas, os governos por serem omissos ou incompetentes, quando não mal-intencionados. Políticos sendo acusados de corrupção é tão trivial que as exceções vão se tornando ícones. Onde estão os homens honrados, indaga a autora, os cidadãos ilustres e respeitados, que buscam o bem da pátria e do povo, independentemente de cargos, poder e vantagens?

Transgredir no mau sentido é natural entre nós. Ladrões e assassinos, mesmo estupradores, recebem penas ridículas ou aguardam o julgamento em liberdade; se condenados, conseguem indultos absurdos ou saem em ocasiões como o Natal, e boa parte deles naturalmente não volta. Crianças continuarão a ser estupradas, inocentes mortos, velinhos roubados, mulheres trancadas em suas casas, porque a justiça é cega, porque as leis são insensatas e, quando prestam, raramente se cumprem. Nesta nossa terra, muitos cidadãos destacados, líderes, são conhecidos como canalhas e desonestos, mas, ainda que réus confessos ou comprovados, inevitavelmente se safam. Continuam recebendo polpudos dinheiros. Depois de algum tempo na sombra, feito eminências pardas, voltam a ocupar importantes cargos de onde nos comandam. Assassinos ao volante nem são presos. Se presos, são soltos para o famoso "aguardar o julgamento em liberdade". Centenas e centenas de vidas cortadas de maneira brutal e o assassino, a não ser que açoitado pela culpa moral, se tiver moral, logo voltará ao seu dia-a-dia, numa boa (LUFT, 2009, p.22).

Diante da situação exposta acima, fica cada vez mais difícil, tanto para os pais como para a escola, ensinar aos jovens a obedecer às regras impostas pela sociedade, para evitar com que cometam infrações, pois as leis em nosso país são contraditórias, permitindo que pessoas criminosas fiquem soltas, estimulando a prática de crimes, uma vez que as pessoas não temem ser presas. Também temos a situação dos políticos corruptos que sempre aparecem na mídia sendo denunciados. Com esse quadro, questionamos: como os jovens podem buscar referência em sua formação se o mundo a sua volta está se desmoronando?

Vivenciamos uma crise que atinge a todos, mas especialmente jovens e crianças: a violência contra professores e a grosseria no convívio em casa, argumenta Luft (2009). Duas pontas da nossa sociedade se unem para produzir falta de autoridade amorosa dos pais e professores e o péssimo exemplo de autoridades e figuras públicas. Nos dizeres da escritora:

Pais não sabem como resolver a má-criação dos pequenos e a insolência dos maiores. Crianças xingam os adultos, chutam a babá, a psicóloga, a pediatra. Adolescentes chegam de tromba junto do carro em que os aguardam pai ou mãe: entram sem olhar aquele que nem vira o rosto para eles. Cumprimento, sorriso, beijo? Nem pensar. Como será esse convívio na intimidade? Como funciona a comunicação entre pais e filhos? Nunca será idílica, isso é normal: crescer é também contestar. Mas poderíamos mudar as regras desse jogo: junto com afeto, deveriam vir regras, punições e recompensas. Que tal um pouco de carinho e respeito, de parte a parte? Para serem respeitados, pai e mãe devem impor alguma autoridade, fundamento da segurança dos filhos neste mundo difícil, marcando seus futuros relacionamentos pessoais e profissionais. Mal-amados, mal-ensinados, jovens abrem caminho às cotoveladas e aos pontapés. Mal pagos e pouco valorizados, professores se encolhem, permitindo abusos inimagináveis. Professores levam xingações de pais e alunos, além de agressões físicas, cuspidas, facadas, empurrões. Cresce o número de mestres que desistem da profissão: pudera. Em escolas e universidades, estudantes falam alto, usam o celular, entram e saem da sala enquanto alguém trabalha para o bem desses que o tratam como um funcionário subalterno. Onde aprenderam isso, se não, em primeira instância, em casa? O que aconteceu conosco? Que trogloditas somos – e produzimos – que maltrapilhos emocionais estamos nos tornando, como preparamos a nova geração para a vida real. Obviamente não é assim por toda parte, nem os pais e mestres são responsáveis por tudo isso, mas é urgente parar para pensar (LUFT, 2009, p.24).

Diante da situação exposta na citação acima, realçamos que todos os indivíduos, não importa a conta bancária ou profissão, podem reverter essa crise, do desrespeito geral que provoca a violência física ou verbal em casa, na escola, no trabalho, no trânsito. Cada um de nós pode escolher entre ignorar e transformar.

Luft (2009) faz uma reflexão sobre a multiplicação dos crimes, desde os pequenos "crimes" cotidianos: falta de respeito entre pais e filhos, maus-tratos a empregados, comportamento impensável de políticos e líderes, descuido com nossa saúde, segurança, educação, até os verdadeiros crimes: roubos, assaltos, assassinatos, tão incrivelmente banalizados em nossa sociedade. Para a autora, a crise de autoridade começa em casa, quando temos medo de dar ordens e limites ou mesmo castigos aos nossos filhos.

Crianças e adolescentes saudáveis são tratados a mamadeira e cachorro-quente por pais desorientados e receosos de exercer qualquer comando. Jovens infratores são tratados como imbecis, embora espertos, e como

inocentes, mesmo que perversos estupradores, frios assassinos, traficantes e ladrões comuns. São encaminhados para os chamados centros de ressocialização, onde nada aprendem de bom, mas muito de ruim, e logo voltam às ruas para continuar seus crimes. Estamos levando na brincadeira a questão do erro e do castigo, ou do crime e da punição. A banalização da má-educação em casa e na escola, e do crime fora delas, é espantosa e tem consequências dramáticas que hoje não conseguimos mais avaliar. Sem limites em casa e sem punição de crimes fora dela, nada vai melhorar. O ensino nas últimas décadas foi piorando, em parte pelo desinteresse dos governos e pelo péssimo incentivo aos professores, em parte como resultado de "diretrizes de ensino" que tornaram tudo confuso, experimental, com alunos servindo de cobaias, professores lotados de teorias (que também não funcionam). Além disso, aqui e ali grupos de ditos mestres passaram a se interessar mais por politicagem e ideologia do que pelo bem dos alunos e da própria classe. Não admira que em alguns lugares o respeito tenha sumido, os alunos considerem com desdém ou indignação a figura do antigo mestre e ainda por cima vivam, em muitas famílias, a dor da falta de pais. Autoridade, onde existe, é considerada atrasada, antiquada e chata. Se nas famílias e escolas isso é um problema, na sociedade, com nossas leis falhas, sem rigor nem coerência, isso se torna uma tragédia. Precisamos de punições justas, autoridade vigilante, uma reforma geral das leis para impedir perversidade ou leniência, jovens criminosos julgados como criminosos, não como crianças malcriadas. Ensino, educação e justiça tornaram-se tão ruins, tudo isso agravado pelo delírio das drogas; pais com medo dos filhos, professores insultados pela meninada sem educação (LUFT, 2009, p.24).

Luft (2009) nos aponta fatos que confirmam os problemas que a falta de autoridade causa para a sociedade. Diante dessa situação, a autora pondera que na década de 1960, chegaram ao Brasil algumas teorias que diziam que os pais e a escola não poderiam proibir, impor regras, e até os dias atuais sofremos a consequência do descontrole que essas teorias ou a sua má interpretação nos causaram.

O tema *autoridade* começa a ser um verdadeiro tabu entre nós, fruto menos brilhante do período do "É proibido proibir", que resultou em algumas coisas positivas e em alguns desastres – como a atual crise de autoridade na família e na escola. Coloco nessa ordem, pois, clichê simplório, porém realista, tudo começa em casa. Na década de 60 chegaram ao Brasil algumas teorias nem sempre bem entendidas e bem aplicadas. O "é proibido proibir", junto com uma espécie de vale-tudo. Alguns psicólogos e educadores nos disseram que não devíamos censurar nem limitar nossas crianças: elas ficariam traumatizadas. Tudo passava a ser permitido, achávamos graça das piores más-criações como se fossem sinal de inteligência ou personalidade. "Meu filho tem uma personalidade forte" queria dizer: "É mal-educado, grosseiro, não consigo lidar com ele". Resultado, crianças e adolescentes insuportáveis, pais confusos e professores atônitos: como controlar a má-criação dos que chegam às escolas, se uma censura séria por uma atitude grave pode provocar indignação e até processo de parte dos pais? Gente de bom senso advertiu, muitos ignoraram, mas os pais que não entraram nessa mantiveram famílias em que reina um convívio afetivo com respeito, civilidade e bom humor. Negar a necessidade de ordem e disciplina promove hostilidade,

grosseria e angústia. Os pais, por mais moderninhos que sejam, no fundo sabem que algo vai mal. Falta de limites, acreditem, é sentida e funciona como desinteresse. Um *não* é necessário na hora certa, e mais que isso: é saudável e prepara bem mais para a realidade do que a negligência de uma educação liberal demais, que é deseducação. Cuidar dá trabalho, é responsabilidade, e nem sempre é agradável ou divertido. Pobres pais atormentados, pobres professores insultados, e colegas maltratados. Mas, sobretudo, pobres crianças e juvenzinhos malcriados, que vão demorar bem mais para encontrar seu lugar no grupo, na comunidade, na sociedade maior, e no vasto mundo (LUFT, 2009, p.26).

Concordamos com Luft (2009) quando esta assinala que os pais se queixam de que os filhos não os respeitam. Um bom começo é indagar como eles, pais, se portam em casa. Gentis um com o outro, com empregadas, com os filhos ou acham que dentro da porta de casa, com filhos, vale tudo, até grosseria e falta de compostura? O comportamento das crianças e adolescentes e seus conceitos sobre o mundo refletem sua casa. Os pais são os seus primeiros modelos e eles percebem muito bem o que é natural e o que é falso nos pais. Isso se estende para a escola, onde professores suportam violência verbal e física, agressividade, má-educação, hostilidade por parte de alguns alunos. Se pesquisarmos a vida familiar dessa meninada, salienta a autora, com frequência constataríamos que ela apenas reproduz ou continua, na rua, no pátio da escola e na sala de aula o tratamento que predomina em sua casa. Lá, talvez, os filhos não conheçam limites.

Portanto, podemos verificar que os problemas pertinentes à educação precisam ser revistos tanto no ambiente escolar como no familiar, pois a escola não pode executar o papel que cabe à família. Se os pais não educarem seus filhos em casa, impor limites, inviabilizam o papel da escola.

## A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO HOMEM

Destacaremos, aqui, alguns problemas que interferem na educação em nosso país, além das dificuldades enfrentadas pelos pais na educação de seus filhos, debatida no tópico anterior.

Para entender os avanços do nosso ensino, Castro (2009) propõe repensar as classificações costumeiras, considerando as escolas como pertencendo a três categorias: as escolas dos grotões, as escolas das cidades médias e pequenas e as escolas conflagradas das periferias urbanas e favelas. Em seus termos:

Os grotões vivem no círculo vicioso da pobreza. A seu favor, são mundos fechados e estáveis, onde cada um é cada um. Mas, na maioria deles, as vantagens da educação não são percebidas. Como consequência, o ensino é ruim e poucos se importam com isso. A depender da sua própria dinâmica, nada vai mudar. Porém, com um bom empurrão de fora, transformações são possíveis. As cidades pequenas e médias vivem em um equilíbrio instável, do ponto de vista da educação. As que são dinâmicas, e estão onde o prefeito acredita em escola, têm tudo de que precisam para progredir. Com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), sabe-se onde elas estão. Aos poucos, as mais inquietas vão aprendendo os caminhos. Em um bom número delas há avanços consideráveis. Algumas tomaram as rédeas nos dentes e dispararam. Passaram na frente das capitais, mais ricas e com mais tradição. E isso aconteceu em todos os níveis. Em São Paulo, até os pesquisadores já publicam mais no interior do que na capital. Finalmente, temos as favelas e periferias das grandes capitais. Esse é o enguiço mais sério. Não lhes faltam recursos nem atenção. Contudo, estão travadas e perdendo espaço para as cidades menores. Por exemplo, dos 645 municípios do estado, a cidade de São Paulo está no 565º lugar no Ideb. O nó da questão é que são regiões conflagradas. A comunidade local teve seu tecido social dilacerado pelo crescimento atabalhado ou foi invadida por vagas de imigrantes que não conseguiram se integrar na enorme confusão das periferias. Algumas são como praças de guerra, por seus problemas de insegurança, criminalidade, desemprego, pobreza e desintegração familiar. Nesses casos, faz sentido lembrar a hierarquia do psicólogo Abraham Harold Maslow. Para ele, as pessoas só se fixam em certos objetivos pessoais depois que outros mais importantes já foram resolvidos. Insegurança física, desemprego e condições precárias de vida vêm antes de educação. Sem que essas questões sejam minimamente atendidas, pouquíssimos darão atenção ao ensino (CASTRO, 2009, p.22).

Para Castro (2009), a não ser que se "pacifiquem" essas periferias, elas estão fadadas ao insucesso, às tentativas dos secretários de educação de nelas agir. Isso tudo nos leva à necessidade de políticas educativas diferentes para elas, pondera o autor. É preciso cuidar da educação. A tarefa ultrapassa o alcance das secretarias de educação, requerendo uma ação

minimamente coordenada com elas. Polícia, assistência social, saúde e políticas de emprego têm de entrar em cena e agir de forma articulada.

Castro (2009) postula que é preciso entender que na educação, como em outros setores, existem etapas a serem vencidas. Enquanto faltam escolas, construí-las tem um impacto fulgurante nas estatísticas. Portanto:

Escolas são apenas caricaturas se lhes faltam livros, equipamentos e professores. Suprir essas lacunas resulta também num grande salto na matrícula e na qualidade. O passo seguinte é ter professores minimamente preparados, uma administração central operante, currículos claros e não estar em greve todos os meses (seja de quem for a culpa). Esses aperfeiçoamentos trazem ainda bons frutos na qualidade e na desercção. Mas, daí para a frente, os erros e deficiências vão se tornando menos óbvios, as correções mais sutis e o seu impacto resvaladiço. As mudanças fáceis já foram feitas, restam aquelas politicamente mais conflitantes. Ou seja, mais se avança, mais difíceis se tornam os avanços subsequentes. Em resumo, é relativamente fácil chegar a uma educação medíocre para todos ou quase todos (embora isso nos tenha consumido cinco séculos). O grande problema é que hoje os números mostram estagnação da matrícula, evasão elevada – sobretudo no ensino médio – e qualidade sem avanços substanciais. O desafio é conseguir uma educação de qualidade. Que é possível demonstraram os muitos países que deram esse salto. Alguns são até mais pobres do que o Brasil, e quase todos os ricos eram mais pobres quando deram esse salto (CASTRO, 2009, p.26).

Esse excerto justifica a necessidade de escolas bem equipadas, professores qualificados, pois ganharíamos qualidade na educação. Nesse sentido, Luft (2008) assevera que nossas escolas e universidades estão depredadas, enquanto os estudantes vagam na descrença.

Bibliotecas combinam com quadras esportivas, professores bem pagos e treinadores valorizados. Ensinar a distinguir o pior do melhor, tornar criança e jovem cidadãos conscientes e ativos, isso somado a ensinar a ler, habituar a ler, fazer escrever direito, em suma, ensiná-los a pensar e expressar seu pensamento de forma clara e ordenada. Atletas não precisam ser broncos. Pobres não precisam ser ignorantes. Não considero boa a educação que apenas tenta formar o chamado "cidadão consciente", quando ele nem ao menos sabe de que deve ter consciência e como vai expressar isso. Quando tachamos de "ricos babacas" os estudantes que não vivem na miséria, o que esperar deles? Que estímulo recebem os pouquíssimos alunos "ricos", sabendo disso, e como reagem os seus colegas menos privilegiados? Esporte deveria ser convívio natural de gente saudável e pacífica, coerente e bem formada, sem medo de nenhum tipo de sucesso, e sem ter de correr atrás dele obsessivamente (LUFT, 2008, p. 26).

Além dos problemas de infraestrutura e profissionais mal remunerados, na educação,

Luft (2009) retoma um assunto de suma importância: a quantidade assustadora de analfabetos do Brasil.

Nem sempre um povo leitor interessa a um governo (falo de algum país ficcional), pois quem lê é informado, e vai votar com relativa lucidez. Ler e escrever faz parte de ser gente. Como ler é um hábito raro entre nós, e a meninada chega ao colégio achando livro uma coisa quase esquisita, e leitura uma chatice, talvez ela precise ser seduzida: percebendo que ler pode ser divertido, interessante, pode entusiasmar, distrair, dar prazer. Além disso, cada um deve descobrir o que gosta de ler, e vai gostar, talvez, pela vida afora. Não é preciso que todos amem os clássicos nem apreciem romance ou poesia. O que é preciso é ler. Revista serve, jornal é ótimo, qualquer coisa que nos faça exercitar esse órgão tão esquecido: o cérebro. Lendo a gente aprende até sem sentir, cresce, fica mais poderoso e mais forte como indivíduo, mais integrado no mundo, mais curioso, mais ligado. Mas para isso é preciso, primeiro, alfabetizar-se, e não só lá pelo ensino médio, como ainda ocorre. Os primeiros anos são fundamentais não apenas por serem os primeiros, mas por construir a base do que seremos, faremos e aprenderemos depois. Ali nasce a atitude em relação ao nosso lugar no mundo, escolhas pessoais e profissionais, pela vida afora. Por isso, esses primeiros anos, em que se aprende a ler e a escrever, deviam ser estimulantes, firmes, fortes e eficientes (não perversamente severos) (LUFT, 2009, p.22).

Na citação acima, Luft (2009) aborda a importância da leitura para a formação do homem, pois por meio desta apropriamo-nos do conhecimento, e, conseqüentemente, votaremos com mais consciência, podendo fazer nossas escolhas pessoais e profissionais; assim, o hábito e o prazer pela leitura são de suma importância em nossas vidas, sendo necessário que, desde a educação nas séries iniciais sejamos estimulados a ler.

Também estamos de acordo com Luft (2008) quando afirma que enquanto alardeamos façanhas, descobertas, ganhos e crescimento econômico, a situação piora, pois menos pessoas se alfabetizam de verdade. Dos poucos que chegam ao Ensino Médio e dos pouquíssimos que vão à universidade, muitos não saem de lá realmente formados. Entram na profissão incapazes de produzir um breve texto claro, são desinteressados pela leitura, mal falam direito. Não conseguem se informar, nem questionar o mundo. Isso porque pouco lhes foi dado e pouquíssimo lhes foi exigido.

A única saída para tamanha calamidade está no maior interesse pelo que há de mais importante num país: a educação. E isso só vai começar quando lhes derem os maiores orçamentos. Assim se mudará o Brasil, o resto é conversa fiada. Investir nisso significa criar mais oportunidades de trabalho: muito mais gente capacitada a obter salário decente. Significa saúde: gente mais bem informada não adoece por ignorância, isolamento e falta de higiene. Se ao estado cabe nos ajudar a ser capazes de saber, entender, questionar e

escolher nossa vida, é nas famílias, quando podem comprar livros, que tudo começa. "Quantos livros você tem em casa, quantos leu este mês? E jornal?", pergunto, quando me dizem que os filhos não gostam de ler. Família tem a ver com moralidade, atenção e afeto, mas também com a necessária instrumentação para o filho assumir um lugar decente no mundo. Nascemos nela, nela vivemos. Mas com ela também fazemos parte de um país que nos deve, a todos, uma educação ótima. Ela trará consigo muito de tudo aquilo que nos falta (LUFT, 2008, p. 24).

Luft (2008) deixa claro na citação acima que investir na educação é o caminho para se criar mais oportunidades de trabalho e melhorar a distribuição de renda, além de melhorar a saúde. A autora propala que quanto mais bem informadas as pessoas forem, mais poderão entender, questionar e fazer suas escolhas estando conscientes, por isso é de suma importância que a família acompanhe a educação de seus filhos e os incentive a ler.

Ao abrangermos a relevância da educação e da boa formação do indivíduo, destacamos os benefícios que o avanço tecnológico nos oferece nesse sentido, o qual não é aproveitado por muitas como deveria.

Castro (2009) informa que por volta de 1900, a esperança de vida humana era inferior a 30 anos. Hoje, já ultrapassou os 70. A desnutrição grave, para o autor, atualmente é residual e acabaram-se as fomes catastróficas. Quase todos, hoje, possuem acesso a serviços médicos. Nos confortos materiais, houve avanços espetaculares: mais de 90% têm água encanada, eletricidade, televisão, geladeira e dezenas de outros confortos. Em 1900, 95% das crianças entre 7 e 14 anos não frequentavam escolas. Hoje, apenas 2% ficam de fora.

Sobre essa questão, Castro (2009) ressalta que os avanços tecnológicos têm sido muito generosos para com os mais pobres; não que tenham sido pensados assim, mas é o que aconteceu.

A produção de motos (1,5 milhão por ano) corresponde a mais da metade dos brasileiros atingindo 18 anos. Um jovem empregado, morando com seus pais, consegue pagar a prestação de uma motocicleta simples, desfrutando a indescritível sensação de liberdade oferecida por ter seu próprio veículo. O telefone celular é a redenção de quem trabalha por conta própria. De fato, só rico tinha telefone. As fotos de família estavam a cargo dos fotógrafos das praças públicas. Hoje, um celular melhorzinho fotografa tudo, a custo zero. O computador começa a chegar ao povão (em modestas prestações). Quase um terço da população tem algum acesso a ele. O crescimento das vendas é espantoso. Pobre não tem dinheiro para revistas ou jornais, mas agora está tudo na internet. E pode ler, em português e gratuitamente, milhares de livros de domínio público. Os avanços presentes da tecnologia trazem benefícios bem maiores para o povão. Restam duas cogitações. Primeiro, o povo ficou mais feliz com seus novos apetrechos? Ou aumentou sua alienação e angústia? Segundo, ele saberá usar isso tudo? Ou as lastimáveis deficiências em sua educação o impedem de usar o melhor desse potencial criado pela

tecnologia para aumentar sua cultura e qualidade de vida? (CASTRO, 2009, p.28).

O avanço tecnológico é um facilitador para a educação, porém cabe às pessoas saber utilizar esse benefício; a classe menos favorecida passou a ter acesso ao que antes era restrito apenas à classe média alta, todavia resta-lhe ter instrução para utilizar meios como a internet com sabedoria, na medida em que esta, como os demais recursos tecnológicos, apresenta facetas boas e outras nem tão boas assim.

Para Luft (2009), a internet com suas maravilhas e armadilhas isola os misantropos avessos aos afetos, une os que gostariam de estar juntos ou partilham as mesmas ideias, mas também serve para toda sorte de fins destrutivos, que vão da calúnia política à vingança pessoal.

É bem triste que um meio de comunicação, pesquisa, lazer e descobertas como a internet seja usado tantas vezes para fins tão negativos. Nos questionamentos sobre crianças e adolescentes que lidam com os meios eletrônicos, tenho uma sugestão: dar-lhes discernimento para que possam entender e escolher. Continua, porém, o drama da involuntária, muitas vezes nem sabida, exposição de pessoas desavisadas à maledicência e à calúnia, à invasão não consentida da privacidade pelas câmeras, às montagens sobre fotos banais, às informações falsas que alguns julgam engraçadas – toda sorte de maldade de que as vítimas não podem se defender. Tais indignidades jamais seriam feitas em público, ou assinadas embaixo: florescem na sombra da covardia e da mediocridade, do desrespeito e de poucas luzes intelectuais. Dois defeitos são inatos e incorrigíveis no ser humano, e de ambos nos livre o destino: burrice e mau caráter. O uso doentio de um instrumento tão fantástico quanto a internet, quando não é psicopatia, é uma conjunção desses dois melancólicos atributos (LUFT, 2009, p.26).

Na exposição acima, a autora nos leva a refletir sobre a importância da educação, dos valores morais e éticos, para sermos capazes de utilizar meios como a internet com consciência, não para denegrir a imagem de alguém ou caluniar, pois as pessoas que assim procedem certamente não possuem os valores que citamos.

Podemos concluir que o problema da educação está relacionado com diversos fatores como político, social, familiar, escolar. Então, cabe a todos que compõem a sociedade a responsabilidade sobre a educação, visto que não podemos responsabilizar apenas a família e a escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma época como a nossa, como salientam Luft (2008) e Castro (2009), de esgarçamento dos valores éticos e na qual se coloca de maneira contundente a questão da educação, é importante a leitura de autores atentos às transformações da sociedade e que fazem reflexões sobre essas questões. São autores que não se voltam ao passado, lamentando as transformações verificadas na sociedade, mas não naturalizam a ética e a educação como são compreendidas hoje. Com um olhar crítico, buscam alternativas que possibilitem tanto a construção de novos valores que possam orientar os homens em suas ações como a elaboração de uma nova compreensão da educação para que esta possa estar em sintonia com as novas exigências da sociedade.

Assim, são autores como Aristóteles e Kant que, em cada um dos campos citados neste trabalho, ética e educação, trazem aos leitores questões que os obrigam a uma reflexão. Nesse âmbito, o estudo da maneira como estes autores têm tratado ambas as questões constitui uma contribuição para o atual debate dos rumos que a história e particularmente a História da Educação estão tomando.

Para compreendermos os artigos dos articulistas da revista *Veja*, Lya Luft e Cláudio de Moura Castro, recorreremos ao conhecimento já produzido sobre o assunto na história, particularmente nas obras *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, e *Sobre a Pedagogia*, de Kant.

Agindo assim, podemos verificar que Aristóteles e Kant abordam a importância de a educação valorizar a ética, a moral e os conhecimentos necessários ao homem. Castro e Luft também compartilham desses ideais. As questões atinentes à educação e os valores morais e éticos que Castro e Luft contemplam em seus textos possibilitam-nos uma reflexão acerca da importância desses valores para a inserção do sujeito na sociedade, assim como para lidar com o avanço tecnológico, que abre caminho para as pessoas serem bem instruídas neste mundo atualmente conectado. Concluímos destacando o papel da imprensa como fonte de pesquisa para trabalhos acadêmicos, pois nos permite compreender os anseios da sociedade em relação à situação da educação em nosso país.

Para finalizar, pontuamos que as questões relativas à educação vêm, ao longo dos séculos, sendo discutidas e re-elaboradas, pois precisam ser adaptadas de acordo com cada contexto histórico vivenciado pelo homem.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. In. Os pensadores. São Paulo. Abril cultural, 1973.
- CASTRO, Cláudio de M. Ecologia seiscentista. **Veja**, São Paulo, v. 2043, n. 02, p. 20, 2008.
- CASTRO, Cláudio de M. Salário de professor. **Veja**, São Paulo, v. 2047, n. 06, p. 16, 2008.
- CASTRO, Cláudio de M. A guerra dos alfabetizadores. **Veja**, São Paulo, v. 2051, n. 10, p. 20, 2008.
- CASTRO, Cláudio de M. Educação não é mercadoria. **Veja**, São Paulo, v. 2055, n. 14, p. 20, 2008.
- CASTRO, Cláudio de M. Diamantes descartados. **Veja**, São Paulo, v. 2059, n. 18, p. 22, 2008.
- CASTRO, Cláudio de M. O encontro com o príncipe. **Veja**, São Paulo, v. 2063, n. 22, p. 18, 2008.
- CASTRO, Cláudio de M. O Senai na mira do governo. **Veja**. São Paulo, v. 2067, n. 26, p. 20, 2008.
- CASTRO, Cláudio de M. Meu reino por uma tomada. **Veja**. São Paulo, v. 2071, n. 30, p. 22, 2008.
- CASTRO, Cláudio de M. Agronegócio sem educação?. **Veja**. São Paulo, v. 2075, n. 34, p. 26, 2008.
- CASTRO, Cláudio de M. Quem entendeu a nova avaliação do ensino?. **Veja**. São Paulo, v. 2079, n. 38, p. 24, 2008.
- CASTRO, Cláudio de M. Os professores e a regra de três. **Veja**. São Paulo, v. 2083, n.42, p. 24, 2008.
- CASTRO, Cláudio de M. Ônibus é educação. **Veja**. São Paulo, v. 2087, n.46, p. 22, 2008.
- CASTRO, Cláudio de M. Aprovar quem não aprendeu?. **Veja**. São Paulo, v. 2091, n.50, p. 24, 2008.
- CASTRO, Cláudio de M. Educação em áreas conflagradas. **Veja**, São Paulo, v. 2096, n. 03, p. 22, 2009.
- CASTRO, Cláudio de M. Vamos de mal a pior?. **Veja**, São Paulo, v. 2100, n. 07, p. 26, 2009.
- CASTRO, Cláudio de M. Civilizações não são contagiosas. **Veja**, São Paulo, v. 2104, n. 11, p. 28, 2009.
- CASTRO, Cláudio de M. Embromação a distância?. **Veja**, São Paulo, v. 2108, n. 15, p. 24, 2009.
- CASTRO, Cláudio de M. Uma Mona áspera. **Veja**. São Paulo, v. 2112, n. 19, p. 24, 2009.
- CASTRO, Cláudio de M. Educar é contar histórias. **Veja**, São Paulo, v. 2116, n. 23, p. 30, 2009.
- CASTRO, Cláudio de M. Os meninos-lobo. **Veja**. São Paulo, v. 2120, n. 27, p. 24, 2009.
- CASTRO, Cláudio de M. O próximo passo. **Veja**. São Paulo, v. 2124, n. 31, p. 26, 2009.
- CASTRO, Cláudio de M. De malandros e manés. **Veja**, São Paulo, v. 2128, n. 35, p. 26, 2009.
- CASTRO, Cláudio de M. A arte de governar. **Veja**. São Paulo, v. 2132, n. 39, p. 26, 2009.
- CASTRO, Cláudio de M. Academia de ginástica (mental). **Veja**, São Paulo, v. 2136, n. 43, p. 26, 2009.
- CASTRO, Cláudio de M. Tecnologia para ricos ou pobres?. **Veja**, São Paulo, v. 2140, n. 47, p. 28, 2009.
- CASTRO, Cláudio de M. As escolas de dona Vicky. **Veja**, São Paulo, v. 2144, n. 51, p. 28, 2009.

- KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 5.<sup>a</sup> ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2006.
- LUFT, Lya. A dignidade humana. **Veja**. São Paulo, v. 2042, n. 01, p. 12, 2008.
- LUFT, Lya. O jovem policial. **Veja**. São Paulo, v. 2044, n. 03, p.18, 2008.
- LUFT, Lya. Cotas: o justo e o injusto. **Veja**. São Paulo, v. 2046, n. 05, p.16, 2008.
- LUFT, Lya. Falta de educação e velocidade. **Veja**. São Paulo, v. 2048, n. 07, p. 20, 2008.
- LUFT, Lya. Por que nos mutilamos?. **Veja**. São Paulo, v. 2050, n. 09, p. 18, 2008.
- LUFT, Lya. Uma história de delicadeza. **Veja**. São Paulo, v. 2052, n. 11, p. 20, 2008.
- LUFT, Lya. Minha mulher é uma santa. **Veja**. São Paulo, v. 2054, n. 13, p. 22, 2008.
- LUFT, Lya. Diagnóstico: Alzheimer. **Veja**. São Paulo, v. 2056, n. 15, p. 22, 2008.
- LUFT, Lya. Menina quase morta, sozinha. **Veja**. São Paulo, v. 2058, n. 17, p. 16, 2008.
- LUFT, Lya. Por que se calam. **Veja**. São Paulo, v. 2060, n. 19, p. 20, 2008.
- LUFT, Lya. A pena de morte. **Veja**. São Paulo, v. 2062, n. 21, p. 20, 2008.
- LUFT, Lya. Honrar pai e mãe. **Veja**. São Paulo, v. 2064, n. 23, p. 18, 2008.
- LUFT, Lya. Ainda se caçam bruxas. **Veja**. São Paulo, v. 2066, n. 25, p. 18, 2008.
- LUFT, Lya. Três destinos femininos. **Veja**. São Paulo, v. 2068, n. 27, p. 22, 2008.
- LUFT, Lya. A matança dos bebês. **Veja**. São Paulo, v. 2070, n. 29, p. 20, 2008.
- LUFT, Lya. Sobre o meu pai Arthur. **Veja**. São Paulo, v. 2072, n. 31, p. 22, 2008.
- LUFT, Lya. Velhos amantes, novos amigos. **Veja**. São Paulo, v. 2074, n. 33, p. 26, 2008.
- LUFT, Lya. O que valem as medalhas?. **Veja**. São Paulo, v. 2076, n. 35, p. 26, 2008.
- LUFT, Lya. Setenta anos, por que não?. **Veja**. São Paulo, v. 2078, n. 37, p. 26, 2008.
- LUFT, Lya. Somos um país de analfabetos. **Veja**. São Paulo, v. 2080, n. 39, p. 24, 2008.
- LUFT, Lya. Legado aos nossos filhos. **Veja**. São Paulo, v. 2082, n. 41, p. 24, 2008.
- LUFT, Lya. As bolsas e as vidas. **Veja**. São Paulo, v. 2084, n. 43, p. 26, 2008.
- LUFT, Lya. Caipirinha chapa-branca. **Veja**. São Paulo, v. 2086, n. 45, p. 24, 2008.
- LUFT, Lya. Uma panela de água e sal. **Veja**. São Paulo, v. 2088, n. 47, p. 24, 2008.
- LUFT, Lya. Do horror brota a grandeza . **Veja**. São Paulo, v. 2090, n. 49, p. 24, 2008.
- LUFT, Lya. Acreditar no Natal . **Veja**. São Paulo, v. 2092, n. 51, p. 26, 2008.
- LUFT, Lya. As mortes poderiam ser evitadas. **Veja**. São Paulo, v. 2095, n. 02, p. 18, 2009.
- LUFT, Lya. A mulher e o poder. **Veja**. São Paulo, v. 2097, n. 04, p. 22, 2009.
- LUFT, Lya. Como administramos crises?. **Veja**. São Paulo, v. 2099, n. 06, p. 24, 2009.
- LUFT, Lya. Eu acredito em Obama. **Veja**. São Paulo, v. 2101, n. 08, p. 22, 2009.
- LUFT, Lya. No paraíso da transgressão. **Veja**. São Paulo, v. 2103, n. 10, p. 22, 2009.
- LUFT, Lya. A mentirosa liberdade. **Veja**. São Paulo, v. 2105, n. 12, p. 24, 2009.
- LUFT, Lya. A crise que estamos esquecendo. **Veja**. São Paulo, v. 2107, n. 14, p. 24, 2009.
- LUFT, Lya. Internet, o bem e o mal. **Veja**. São Paulo, v. 2109, n. 16, p. 26, 2009.
- LUFT, Lya. Esse poço tem fundo?. **Veja**. São Paulo, v. 2111, n. 18, p. 24, 2009.
- LUFT, Lya. A sordidez humana. **Veja**. São Paulo, v. 2113, n. 20, p. 24, 2009.
- LUFT, Lya. É o fim do mundo. **Veja**. São Paulo, v. 2115, n. 22, p. 24, 2009.
- LUFT, Lya. Os vivos e os mortos. **Veja**. São Paulo, v. 2117, n. 24, p. 22, 2009.
- LUFT, Lya. Trilha de contradições. **Veja**. São Paulo, v. 2119, n. 26, p. 26, 2009.
- LUFT, Lya. A outra epidemia. **Veja**. São Paulo, v. 2121, n. 28, p. 22, 2009.
- LUFT, Lya. Crime e castigo. **Veja**. São Paulo, v. 2123, n. 30, p. 24, 2009.
- LUFT, Lya. Brasileiro não gosta de ler?. **Veja**. São Paulo, v. 2125, n. 32, p. 22, 2009.
- LUFT, Lya. O Alzheimer e a luz da alma. **Veja**. São Paulo, v. 2127, n. 34, p. 26, 2009.
- LUFT, Lya. Quando morre uma criança. **Veja**. São Paulo, v. 2129, n. 36, p. 24, 2009.
- LUFT, Lya. Educação e autoridade. **Veja**. São Paulo, v. 2131, n. 38, p. 26, 2009.
- LUFT, Lya. Contraponto: deixar desabrochar. **Veja**. São Paulo, v. 2133, n. 40, p. 26, 2009.
- LUFT, Lya. A gente decide. **Veja**. São Paulo, v. 2135, n. 42, p. 26, 2009.

- LUFT, Lya. Não fui eu!. **Veja**. São Paulo, v. 2137, n. 44, p. 24, 2009.
- LUFT, Lya. Respeito é bom. **Veja**. São Paulo, v. 2139, n. 46, p. 28, 2009.
- LUFT, Lya. A praga moderna. **Veja**. São Paulo, v. 2141, n. 48, p. 28, 2009.
- LUFT, Lya. O que devemos aos jovens. **Veja**. São Paulo, v. 2143, n. 50, p. 26, 2009.
- ZANLORENZI Claudia Maria Petchak. História da educação, fontes e a imprensa. HISTEDBR On-line, Campinas, n.40, p. 60-71, 2010 - ISSN: 1676-2584.